



## **FAMÍLIAS ACOLHEDORAS E SUAS MOTIVAÇÕES PARA O ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES**

Cláudia Yuri Souza Kuabara (PIBIC/CNPq/Uem), Paulo José da Costa (Orientador), e-mail: [pjcosta@uem.br](mailto:pjcosta@uem.br)

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Área e subárea do conhecimento:** 70700001 PSICOLOGIA; 70707022 DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE.

**Palavras-chave:** função materna, função paterna, acolhimento familiar.

### **Resumo:**

Com o objetivo de conhecer quem são as famílias acolhedoras foi realizado um estudo sociodemográfico e buscou-se também identificar as motivações para participação no serviço de Acolhimento Familiar, que estão relacionadas ao desejo de ajudar, mas também a questões pessoais. Foram entrevistadas três famílias que passaram pelo processo de capacitação e que acolheram ou acolhem atualmente crianças ou adolescentes em suas residências; e uma família capacitada, mas que ainda não recebeu nenhum acolhido. As famílias compreendem seu papel e a importância desta prática para os acolhidos e demonstram exercer essa tarefa com muita dedicação, independente das dificuldades que possam encontrar.

### **Introdução**

O serviço de acolhimento em Família Acolhedora é uma modalidade de atendimento da proteção social especial de alta complexidade, de caráter provisório e excepcional, destinado às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, risco ou abandono, afastados do convívio familiar sob medida protetiva, ou em casos em que a família e/ou responsáveis encontrem-se impossibilitados temporariamente de exercer seu papel de cuidados e proteção.

Pensando no papel das famílias acolhedoras e em suas funções para com os acolhidos, propomo-nos a investigar quem são essas famílias (idade, estado civil, escolaridade, profissão, renda, composição familiar) como decidiram pelo acolhimento, os motivos, as expectativas, as adversidades enfrentadas durante o processo de seleção e capacitação e também na



situação de acolhimento, além das consequências decorrentes dessa prática no plano pessoal e familiar.

A realização deste trabalho se justificou pela importância de conhecer essas famílias, buscando colaborar na compreensão de seu papel e suas responsabilidades para com os acolhidos, e também no que concerne às dificuldades que permeiam as relações, tanto com a criança/adolescente quanto com a equipe técnica e com a família de origem e até mesmo intrafamiliares, propondo novas formas de pensar e solucionar possíveis adversidades.

Essa pesquisa pode ser classificada como qualitativa, de cunho descritivo e explicativo, e para a análise dos dados será utilizada, além dos pressupostos teóricos da psicanálise, a técnica de análise de conteúdo.

### **Materiais e métodos**

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e transcritas e analisadas.

O roteiro de entrevistas foi elaborado de forma a contemplar os diferentes grupos estudados, sendo então composto por questões direcionadas especificamente às famílias que já acolheram ou acolhem atualmente crianças e/ou adolescentes, questões específicas para as famílias que ainda não acolheram e questões comuns aos dois grupos.

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo e também dos pressupostos teóricos da psicanálise.

### **Resultados e Discussão**

Foram entrevistadas quatro mães pertencentes às famílias acolhedoras, sendo duas famílias nucleares e duas monoparentais. Apenas uma das famílias não tem filhos. As participantes tinham idades entre 36 e 63 anos e o nível de escolaridade variou desde ensino médio incompleto (1), ensino médio completo (1) à graduação (1) e pós-graduação (1). A renda familiar variou de 2 a 6 salários mínimos. Segundo as entrevistadas, as famílias conheceram o acolhimento familiar por meio de conversas com conhecidos, alguns que participam do serviço, e também diretamente com a equipe técnica no ambiente de trabalho. Realizaram a capacitação há dois anos, em média. Dentre essas famílias, apenas uma não acolheu, e o total de acolhimentos realizados pelas outras três famílias é de aproximadamente 25 crianças e adolescentes.

Entre os motivos alegados pelas participantes para acolherem crianças e/ou adolescentes, estão àqueles relacionados à satisfação de necessidades e experiências pessoais, o que não é ideal, pois como ressalta Oxley (2004), é



necessário que equipe e a família acolhedora trabalhem de forma a atender as necessidades e interesses do acolhido e não como aperfeiçoamento de si mesmo. Mas há também o desejo de ajudar, gostar de crianças e também a compreensão da importância de cuidados individualizados que o ambiente familiar proporciona.

As famílias acolhedoras experimentam sentimentos que permeiam não apenas o primeiro acolhimento ou o momento da chegada, mas todo o período em que cuidam das crianças e/ou adolescentes. Aprendem a lidar com as diferenças, dificuldades e expectativas, sentem a alegria por ajudar, gratificação, satisfação e sensação de dever cumprido. Além disso, sentem tristeza quando se separam dos acolhidos e preocupam-se com o futuro destes. De acordo com as entrevistadas, as famílias lembram-se sempre de que as crianças e/ou adolescentes estão sob sua responsabilidade temporariamente e, embora cuidem como se fossem seus próprios filhos, não o são.

As mães acolhedoras consideram que o acolhimento é benéfico para os acolhidos à medida que possibilita cuidados individualizados e atendimento das reais necessidades, principalmente no que diz respeito ao sentimento de pertencimento a uma família e ao aprendizado proporcionado pelo contexto familiar.

O acolhimento de uma criança e/ou adolescente acarreta mudanças no ambiente familiar; adaptações nas rotinas são necessárias, além do comprometimento de todos os membros da família nos cuidados e atenção para com o acolhido. As entrevistadas relatam que recebem ajuda de todos os demais familiares, inclusive daqueles que não moram na mesma casa, e também de amigos, ressaltando que sem esse auxílio os cuidados e o bom desenvolvimento do acolhimento ficariam comprometidos.

As mudanças acima indicadas causam cansaço, desgaste físico e emocional, além de os cuidados exigirem dedicação, energia e tempo. No entanto, influencia e traz melhorias nas relações intrafamiliares, como sentimento de união, cooperação e convívio permeado por diálogos e contatos (MARIANO; CECILIO; PAZ; DECESARO; MARCON, 2014).

## **Conclusões**

Com a análise das entrevistas, pudemos constatar que embora em alguns casos existam motivações para o acolhimento voltadas mais ao plano pessoal, as famílias acolhedoras compreendem o seu papel de cuidados e proteção e a importância para as crianças e/ou adolescentes, exercendo-o com muita dedicação, sendo que as dificuldades encontradas e as mudanças acarretadas pela chegada de um acolhido são resolvidas e adaptadas de forma a permitir o desenvolvimento e continuidade dos acolhimentos e não são pretextos para desistências ou impedimentos para



essas famílias, pois são motivadas pelo sucesso dos acolhimentos e pela satisfação em ajudar.

Os sentimentos que permeiam essa prática são comuns a todas as famílias, inclusive àquela que não recebeu nenhuma criança e/ou adolescente, e as expectativas em relação aos acolhimentos são constantes, pois cada acolhimento é uma experiência única. Ainda que haja tristeza quando os acolhidos são desligados de seus cuidados, as famílias sentem que cumpriram com seu papel possibilitando cuidados, proteção e convivência em um ambiente familiar.

### **Agradecimentos**

Às famílias que contribuíram e dividiram suas histórias e experiências; ao professor orientador sempre solícito e ao CNPq, que possibilitaram a realização desta pesquisa.

### **Referências**

MARIANO, P. P.; CECILIO, H. P. M.; PAZ, R. C. N.; DECESARO, M. N.; MARCON, S. S. Cuidando de quem não tem família: percepção de mães acolhedoras sobre esta experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 21-32, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n1/03.pdf>>. Acesso em: 30 Ago. 2014.

OXLEY, J. Quem são as famílias de acolhimento? In: CABRAL, C. (Org). **Acolhimento Familiar: experiências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Booklink Publicações, 2004. p. 171-176.